

**CONTEXTO HISTÓRICO DA HIGIENE MENTAL NA
ÉPOCA DE MACHADO DE ASSIS SEGUNDO O
CONTO “O ALIENISTA”**

Laércio de Jesus Café¹⁰¹

E-mail: laerciocafe@gmail.com

RESUMO: Este trabalho procurou analisar as transformações sociais que ocorriam no Século XIX tendo como base o conto “O Alienista”, de Machado de Assis, insufladas pela limpeza social, entre cujos resultados estão a criação e a proliferação de lugares sociais constituídos para abrigar os “dejetos” sociais: albergues para mendigos e viajantes, asilos para idosos, orfanatos para crianças abandonadas ou sem pais, hospícios para os loucos, vilas para os leprosos, clínicas para os doentes e outras soluções que pudessem retirar do espaço social as feridas produzidas pelos próprios estados que se rendiam nesse momento aos apelos exigentes do capitalismo.

Palavras-chave: Higiene mental – O Alienista – Loucura – Limpeza social – Machado de Assis.

ABSTRACT: This study sought to examine the social transformations taking place in the XIX century based on the story “The Alienist” by Machado de Assis, inflated by social cleansing, including the results of which are the creation and proliferation of social places set up to house the “waste” Social: hostels for homeless people and travelers, nursing homes and orphanages for children abandoned or parentless, hospitals for the insane, lepers to villages, clinics for patients and other solutions that could remove the wounds of social space produced by the states themselves that surrendered to calls demanding that moment of capitalism.

Keywords: Mental Hygiene - The Psychiatrist - Foolishness - social Cleaning - Machado de Assis.

101 UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL / UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UAB / UNEMAT

INTRODUÇÃO

No do Século XIX, o mundo ocidental atravessava o auge do movimento higienista. Desde o século XVIII, este movimento começara na Europa, exigindo das populações um padrão específico de controle higiênico, em que predominava costumes e hábitos coerentes com o discurso médico.

Delimitar tais fronteiras entre a loucura e razão foi a questão que a medicina procurou resolver. A complexidade desse processo aparece tanto na reflexão do alienista do conto machadiano quanto nos estudos médicos do século XIX, que entendeu a loucura como um fenômeno moral, diferente do que se pensava anteriormente, quando era vista apenas como uma questão cognitiva.

Para retratarmos a higiene mental, devemos nos remontar a época na qual este conceito surgiu no Brasil. Com a chegada da corte Portuguesa no Rio de Janeiro a população aumentou quase um terço, a pressão populacional e as exigências higiênicas da nova camada urbana aceleraram as necessidades de mudança, a medicina passou a ser mais solicitada.

HIGIENE: ESPAÇO E CONTROLE CIENTÍFICO.

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em especial no Rio de Janeiro, o modelo europeu de higiene encontrou uma considerável deficiência urbana que não se enquadrava ao modelo capitalista europeu. Com isso a sociedade brasileira começou a se enquadrar aos hábitos da aristocracia e a indústria e comércio internacional.

Nessa época o comportamento humano na casa brasileira encobria as funções humanas higiênicas mais íntimas e privadas que fazem parte da reprimida natureza “animal” da existência humana. A casa representava um lugar de descanso e íntimo para o ser humano, ai que se passava maior parte da vida, interação familiar e com outras pessoas, ai reunia-se para se alimentar, se “higienizar”, fazerem suas refeições e principalmente descansar, na qual o sono acabava fazendo parte do fundo da vida social, representando assim a estrutura do conforto.¹⁰²

102 ELIAS, Norbert. O Processo civilizador. Uma história dos costumes, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Editor), 1994, p. 164.

Na rua e praça pública, era um lugar de que detinha forças e ações próprias, o corpo tinha uma imagem puramente satírica, criando uma atmosfera corporal específica, como por exemplo, durante as festas, o carnaval ou outra mobilização em praça pública via-se o cessar das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas, o não cumprimento das regras acabavam sendo algo normal, estas festas eliminavam o tabu da vida cotidiana ajudando a criar um novo jeito de se comunicar entre as pessoas deixando de lado as diferenças que os separavam, ninguém fazia caso do diferente, não existia um critério de normalidade.

O Século XIX está imerso em transformações sociais rápidas e radicais. Obter o controle das pessoas, das famílias, das cidades e até dos países era almejado pelos mais ousados intelectuais da ciência que crescia no mundo. Valores sociais, morais e éticos sofreram grandes mudanças, em decorrência de uma nova forma de ver o mundo que de agora em diante passa a pensar no como estabelecer regras de comportamento moderador (comum) entre os indivíduos, ou seja, um meio de alienação que fosse o mais eficaz, a ponto de ninguém se opor aos seus planos científicos.

O ócio e a vagabundagem começam a surgir por parte dos indivíduos reprimidos e que não sabiam como ocupar seu tempo, muitos que eram retidos eram mandados de volta a sociedade sem nenhuma segurança. Já a igreja e o exército procuraram construir técnicas de controle dos indivíduos que demonstrasse certa eficiência, a exemplo disso temos a pedagogia jesuítica e o serviço militar, que defendendo o estado e procurando a salvação a população passava a acreditar e defender a si mesmo, a repressão as escondidas expunha facetas intrigantes, este foi o momento em que ocorreu a inserção da medicina higiênica no governo político dos indivíduos.

A medicina social criava o fato médico inédito e apresentava-o a família que, atônica, descobria no saber higiênico, a prova de sua incompetência. O exemplo do amor a pátria é elucidativo desta produção de fenômeno higiênicos. Os médicos, através de suas teorias, redefiniram o sentimento social de maneira absolutamente surpreendente. (COSTA, 1979, p. 71-72)

Também nesta época a medicina trabalha com o sentido de co-

-responsabilidade, não dava para fiscalizar de um modo geral todos que tem sua base no controle social, divulgada por uma ciência que não apresenta afetividade e consolo, a obrigação no seu modo de viver passa a ser algo necessário, no ambiente social. A força física era o ponto de união entre o grande número de relações sociais, modelando o indivíduo, no que se refere às exigências e proibições sociais formando a sua constituição social.¹⁰³

Quanto a promoção higiênica, entra no rol da classificação normalizadora da pessoa e “enquanto equipamento normalizador a higiene interessava-se, sobretudo em detectar os agentes etiológicos e estabelecer as regras do diagnóstico precoce e da prevenção primária”¹⁰⁴. O alvo principal da higiene era a família pobre e principalmente as pessoas que se desviavam das normais sociais. As exigências médicas passadas as famílias, faziam-nas convergir suas vidas como dependentes do estado, diminuindo assim os possíveis conflitos existentes entre eles. Mas os higienistas perceberam que a medicina social não poderia com um e ser, a favor de outros, mais aliar a ambos os lados, Indivíduo e Estado, mostrando que os dois lados tinham o que tratar para se ter uma saúde¹⁰⁵ geral no âmbito social. Temos que levar em consideração que uma mudança social, uma revolução e outros movimentos de características dominantes passam a marcar em primeiro plano social o conceito de uma civilização nova.

As pessoas desestruturadas, implicavam ao afrouxamento dos laços sociais e o enfraquecimento da autoridade da própria família, se ouvirmos falar da rebeldia, da repressão, à ausência de sentimentos de sentimentos importantes para o convívio, significa que as regras de convivência que mantinham a família coesa estariam sendo desaprendidas ou conturbadas, pressuposto estes que fazem os indivíduos ficarem desequilibrados.

Fato é que a higiene, enquanto alterava o perfil sanitário da família, modificou também sua feição social. O corpo, o sexo e as ações, parentais e filiais passaram a ser programadamente usadas como instrumentos de justificativa manipulação científica e sinais de diferenciação de sanidade

103 ELIAS, Norbert. O Processo civilizador. Uma história dos costumes, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Editor), 1994, p. 17.

104 COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e norma Familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 68.

105 Os higienistas previam como a saúde tinha que ser para a sociedade, o que é correto e bom, para ser famílias moralmente responsáveis e saudáveis, obedientes ao Estado detentor do poder e da ordem. COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 70.

entre as pessoas.

Os higienistas procuravam testar novas técnicas de intervenção na vida de cada indivíduo da família privada, pois a incompetência e o desconhecimento das famílias é que permitiu que (os higienistas) criassem um tipo de controle (dominação) sobre essas famílias, cada membro da família tinha inconscientemente uma função que perante o Estado media características físicas, emocionais e sociais. Havia também promoções higiênicas de pessoas com boa conduta em casa, servindo como ajudante ou colaborador higiênico do Estado, denunciando algo que fugia da normalidade.

(...) foi esse período de anomia interna que favoreceu a aceitação da medicina como padrão regulador dos comportamentos íntimos. A higiene ajudou a família a adaptar-se a urbanização, criando simultaneamente, normas coerentes de organização interna. O objetivo higiênico de reconstrução dos indivíduos a tutela de Estado redefiniu as formas de convivência íntima, assinada, a cada um dos membros da família, novos papéis e novas funções. (COSTA, 1979, p. 109)

O que era construído tendo por base antigas concepções eram alvo de críticas dos médicos por não serem meios propriamente correto de se viver, o médico era considerado a polícia da higiene, era um alerta para novas mudanças. A moderna ordem científica apontava na organização higiênica da época, a casa como uma combinação de gosto entre família e ambiente social, na escolha de seu ambiente, tamanho e localização adequados. Mas o que podemos dizer com certeza até o presente momento, que a medicina higienista realizou uma das mais importantes conquistas de características próprias, que foi criar e impor as famílias e a sociedade à figura do médico psiquiatra.

O HIGIENISTA ALIENISTA.

Em Machado de Assis, os fatores sociais quanto os psíquicos são decisivos para esta análise. Sua literatura¹⁰⁶ apresenta um caráter coletivo, na medida em que requer certa comunhão de meios expressivos (de palavras e imagens), mobilizando afinidades profundas que aproximam os indivíduos de um lugar em determinado momento a uma “comunicação” de significados. Os textos de Machado são “ameno, picante, feito com alma de cronista social para distrair e embalar o leitor”.¹⁰⁷

Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 21 de Junho de 1839, no morro do livramento, Rio de Janeiro, descende de negros e portugueses, enraizado em toda sua vida como obra tradições dentro de si provindas do tempo colonial¹⁰⁸. Sua obra, como um todo, revela hábitos, costumes, mazelas, crenças e hipocrisias de uma sociedade tropical, mas que se queria européia.

Percorreremos um caminho um tanto clínico, de uma formação literária, que se unem ao surgimento de um saber psiquiátrico pragmático, que surgiu da desenvoltura humorística e irônica contida na obra “O Alienista”. Nossa proposta é de um estudo crítico da medicina psiquiátrica, como também enfocaremos o paralelo existe entre o personagem Simão Bacamarte e a realidade da época. Procuraremos apresentar, de uma forma clara e mais objetiva possível, os primeiros passos e objetos das reflexões de sanidade, para podermos analisar as concepções higiênicas (antipsiquiátricas) assim apresentadas nesta análise sobre a loucura.

O conto “O Alienista” pretende investigar justamente os elementos capazes de demonstrar que, por trás de toda uma história literária envolvendo personagem, antes não conhecidos e muitas vezes loucos, há uma crítica aos excessos do discurso higienista. Acredita-se que tais elementos estão presentes no personagem Simão Bacamarte.

106 “entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos.” CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000, p. 139.

107 CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000, p. 113.

108 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. [Traços biográficos]. Machado de Assis. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 03 jan. 2010.

Em “O Alienista”, Machado toma referenciais bastante conhecidos de seu leitor para compor os aspectos intrínsecos às suas narrativas, especialmente os referenciais de espaço e de tempo, como toca o conto: a transferência do vice-reinado da Bahia para o Rio de Janeiro, percebido na insistência do vigário para que Simão Bacamarte fizesse um passeio ao Rio de Janeiro “indagava do Rio de Janeiro, que ele não vira desde o vice-reinado anterior”¹⁰⁹.

Aparenta que o escritor pôs à mostra no conto os absurdos patológicos das formas de falar, mover e agir, indícios, que aconteceu em decorrência da vinda da família real para o Brasil e a continuação deste reinado pelo tempo. “Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graça do finado rei Dom João V, e implicavam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu”¹¹⁰.

A narrativa do conto “O Alienista” ocorre em um lugar chamado Itaguaí, em um tempo não expressamente delimitado, mas que podemos pressupô-lo devido algumas referências no decorrer do conto.

A escolha da cidade de Itaguaí não parece ser aleatória. O autor usa de dados da realidade para escrever seu conto, Segundo Fernandes: a “Casa verde era o nome da antiga fazenda Santa Teresa, em Itaguaí, e consta que Machado de Assis teria morado durante um curto período”¹¹¹.

O mundo que Machado quer representar é sem paraíso, muitas narrativas, como “O alienista”, partem de recantos bucólicos: na bucólica Itaguaí, os personagens do conto vêm a vila tomada de uma confusão sem precedentes em sua modesta história, golpes de estado, praças de guerras, julgamentos sumários e chefes internados como loucos: “o espetáculo que oferece à agitação dos homens dá a mesma sensação que dão os discursos de um doido”¹¹².

A dualidade existente na figura do médico psiquiatra Simão Bacamarte gerava em torno, se ele era um alienista ou um alienado, a repressão, o discurso totalitário e a manipulação estavam diretamente relacionada a

109 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 35.

110 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 72.

111 FERNANDES, Célia Regina Delgado. A Antipsiquiatria brasileira do século XIX. Revista Conhecimento Prático, Literatura. [São Paulo]: Escala Educacional. [2009?], p. 59.

112 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Cobra de vidro. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, Secretaria da cultura, ciência e tecnologia do Estado de São Paulo, 1978, p. 56.

comicidade, ironia e grotesco. O processo de modelação das novas normas era estabelecido pelo narrador como processo de estatização dos indivíduos. O hospício terá um lugar de destaque na sociedade carente de ajuda.

No Brasil, as leis higienistas são logo importadas, em medidas que atingiam diretamente as famílias. Jurandir Freire Costa, em *Ordem médica e norma familiar*, no qual discute as ações higienistas no Brasil e seus reflexos, explica como isso acontece e como interfere nas relações familiares e nas relações comunitárias:

A medicina social criava o fato médico inédito e apresentava-o a família que, atônita, descobria no saber higiênico a prova de sua incompetência. O exemplo do amor a pátria é elucidativo desta produção de fenômenos higiênicos. Os médicos, através de suas teorias, redefiniram o sentimento social de maneira absolutamente surpreendente (1979, p. 71-72).

Segundo Célia Regina Delgado Fernandes, no Rio de Janeiro, por volta de meados do século XIX, inaugurou-se um dos primeiros manicômios, passando a ser chamado Hospício D. Pedro II, à moda européia, que batizavam as casas que acolhiam os doentes mentais com nomes de pessoas ilustres. Contrariando essa tendência, Machado de Assis prefere batizar 'seu' manicômio com uma cor, a cor da esperança: Casa Verde.

Vale lembrar que os manicômios eram muitas vezes mencionados como "cemitérios dos vivos" ou "cemitério de almas", uma alusão ao fato de que, praticamente, os loucos, uma vez encarcerados, eram esquecidos, como se fossem mortos e enterrados. A Casa Verde de Machado de Assis parece contestar essa condenação prévia: é como se, sub-repticiamente, alertasse para a esperança.

No conto de Machado de Assis, Simão Bacamarte, personagem central, está tomado de uma autoridade científica, um diploma de médico que lhe confere um poder extraordinário na pequena Itaguaí. Paradoxalmente, ele possui uma fé inabalável na ciência e idealiza uma sociedade perfeita, sem loucos.

No decorrer da História, os loucos sempre atraíram sobre si a atenção alheia, despertando sentimentos diversos nas pessoas como: medo, admiração, reserva, curiosidade. Foucault um grande estudioso diz que o tratamento dado ao louco sempre foi e ainda é algo pensado diferente em cada cultura.

Esses textos não descobrem a necessidade de um tratamento psicológico; antes assinalam o fim de uma época: aquela onde a diferença entre medicamentos físicos e tratamentos morais ainda não era sentida como uma evidência pelo pensamento médico. A unidade dos símbolos começa a desfazer-se, e as técnicas se isolam de sua significação global. A única eficácia que lhes é atribuída é de ordem regional — sobre o corpo ou sobre a alma. A cura novamente muda de sentido: ela não é mais trazida pela unidade significativa da doença, agrupada ao redor de suas qualidades maiores mas, aos poucos, deve dirigir-se aos diversos elementos que a compõem; constituirá uma sequência [sic] de destruições parciais, na qual o ataque psicológico e a intervenção física se justapõem, adicionam-se mas não se penetram. (FOUCAULT, 1978, p357).

Já a alienação assume um novo contexto, a atenção em grande parte é voltada as teorias da medicina científica que tem suas bases na experiência e praticas estabelecidas da vida urbana, em que os serviços médicos prestados as camadas sociais, não eram simples cuidados médicos, mas sim um controle higiênico geral da população. Assim, a crítica a medicina vem centrada na psiquiatria, como um mecanismo de exclusão e exilamento, meio que se encontrou para purificar da doença as pessoas da sociedade. É neste contexto que a loucura foucaiana se aproxima a questão da loucura trabalhada na obra “O Alienista” de Machado de Assis¹¹³. Foucault ainda tenta mostrar uma medicina moderna, social que tem por base uma tecnologia do corpo e práticas sociais, anulando a medicina medieval que era do tipo individualista. Afirma ainda que o capitalismo foi o motivo que contribuiu para a passagem de uma medicina individual para uma coletiva.

113 FOUCAULT, Michel. A Microfísica do Poder. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p 88.

A ação normalizadora sobre os loucos se desencadeia para preservar a integridade da vida social. O louco pela conduta insana era levado a romper o contrato social, mesmo assim era considerado irresponsável. Mas como ninguém que age errado fica impune entra o papel do médico psiquiatra penalizando-o (confinando-o ao manicômio) sem infringir o humanismo. Depois que se confina um louco no estabelecimento de cura, Segundo o personagem Simão Bacamarte, relata que ele é acompanhado, mas não se comenta mais nada do que acontece dentro da casa, somente com os que estão de fora.

O personagem Bacamarte, imbuído do padrão moral ditado pela ciência, acredita que a família como é responsável por valores fundamentais do Estado que precisava se curar também dos males sociais. “A ciência era o meio segundo o qual brinda-nos agora com um universo ilimitado no espaço e no tempo, sem limites aqui ou ali [...] e tão infinitamente complexo na estrutura quanto na extensão”¹¹⁴. Toda essa mudança, na passagem do mundo medieval de encontro com o mundo moderno, levou o homem a sofrer um grande impacto, volvendo-o para uma nova ação humana.

No conto existe uma série de personagens totalmente coesos e um deles tem papel fundamental sendo responsável por fazer parte da vida irônica, disputando a atenção do médico com a ciência, Esta personagem se chama D. Evarista é a esposa de Simão Bacamarte, viúva, a personagem é uma sombra diante da grandeza do personagem central, que acreditava que o homem tem que ser um “moderado” e não um “apaixonado”.

A construção de personagens baseia-se em elementos concretos, que ajudam a compor um tipo físico, imbuído de um caráter e uma personalidade, conhecidos aos poucos, em pequenos gestos, discursos, comportamento e grupos que definem relações existentes entre os homens.

Vivendo em um tempo inflado pelas descobertas científicas, em que se acreditava que a Ciência haveria de encontrar remédio para todos os males, Machado de Assis adotou uma postura reservada em relação ao discurso promissor, otimista e positivista dos cientistas. Irônico, ele constrói um personagem impagável, para sempre marcado na literatura brasileira: Simão Bacamarte, personagem ambíguo que, apesar de seu discurso certo, objetivo, científico, é, paradoxalmente, crédulo: não em uma fé religiosa, mas na Ciência. Bacamarte confere com o perfil do médico psi-

114 DEWEY, John. Reconstrução em Filosofia. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1959, p. 86.

quiatra do Século XIX:

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, - graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. Houve um doente poeta que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve a ideia [sic] de mandar correr matraca para o fim de o apregoar como um rival de Garção e de Píndaro. (ASSIS, 2004, p 71-72)

Investido de poder outorgado pela vereança, Simão Bacamarte age coercitivamente, em nome de sua crença na ciência. Ele acredita que é preciso confinar os loucos, que representam um grande perigo para a cidade. Dessa forma, vê-se que o discurso de Bacamarte é bastante imbuído da mentalidade da época, que perdura até hoje, que acredita que, criar lugares de confinamento para os “indesejáveis”, seja uma ação suficiente, pois esconde da face sã a face louca da sociedade. Assim, o hospício ganha um lugar de destaque na sociedade, assim como os orfanatos, hospitais, leprosários, asilos e outros.

O médico ou narrador funcionam como porta-vozes do discurso do conhecimento para confirmá-lo como instância de poder; em “**O Alienista**”, contudo, o discurso do médico é apresentado em suas relações de poder exatamente para colocá-lo em xeque. Ou seja, o poder do médico de Itaguaí, que representava a

voz da ciência, é apresentado não para confirmá-lo, mas para desconstruir a ideia de isenção científica. (SANTOS, 2010).

Os personagens o enredo a ação higienizadora é ajustada em um tempo histórico, sinalizado pelo narrador como ações que já ocorreram na realidade, como é possível perceber no trecho:

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí, herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de El-rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver “até o fim do mundo”. Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. (ASSIS, 2004, p. 29)

Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graça do finado Rei Dom João V, e implicavam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu. O governo de Lisboa recusou o diploma; mas, representando o alienista que o não pedia como prêmio honorífico ou distinção legítima, e somente como um meio terapêutico para um caso difícil, o governo cedeu excepcionalmente à súplica; e ainda assim não o faz sem extraordinário esforço do ministro da marinha e ultramar, que vinha a ser primo do alienado. (ASSIS, 2004, p. 72).

A ação normalizadora sobre os loucos se desencadeia para preservar a integridade da vida social, este é o pensamento de Simão Bacamarte. O louco, pela conduta insana, era considerado um “perigo social”. Simão Bacamarte, depois que confinava os ‘loucos’, observava-os e anotava sobre o comportamento de cada um. Mas não se fala em tratamento.

A loucura foi transformada em uma identidade para representar não apenas o louco de origem psicossomática, mas todos aqueles que estivessem para além do padrão social estabelecido. O louco, a partir dos discursos de *poder-saber* estipulado pela religião, política e ciência, foi excluído do convívio social e afastado daqueles que eram ditos normais, racionais, os que não ameaçavam a ordem da sociedade. (LIMA, 2011, p. 142).

Observemos o personagem Simão Bacamarte em seus variados aspectos: um homem casado e esposo responsável que sonha em construir posteriormente uma família mais numerosa. Calculista¹¹⁵, via na esposa unicamente uma mulher que reunia várias condições fisiológicas e anatômicas que tornavam-na apta a lhe dar filhos robustos, com saúde e inteligentes, sua estética corporal de nada importava frente à ilustríssima futura mãe da criança que iria levar, também, todas as características da ciência herdada pelo sonhador “pai” Simão Bacamarte.

De caráter político acentuado, Simão é persuasivo com seu discurso médico: consegue convencer sem muito esforço de que suas teorias sobre a loucura estão corretas. Quanto ao perfil psicológico, pode-se dizer que é prático, até em assuntos amorosos: “aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática”¹¹⁶.

Desde que a ciência atribuiu à loucura a condição de doença mental, os médicos foram “[...] qualificados para intervir e diagnosticar uma loucura que lhe impede de ser um doente como os outros: você será então um doente mental”¹¹⁷. Semelhante pergunta se fez Simão Bacamarte para si mesmo: serei eu um louco?

Mas esse personagem não é fruto de delírio: ele expressa uma crítica ao homem ingênuo que acredita que a Ciência trará todas as respostas

115 Notemos no personagem Simão Bacamarte um considerável exagero de natureza intrínseca da imagem satírica do autor perante ao personagem quanto ao estilo cientificista. ELIAS, Norbert. O Processo civilizador. Uma história dos costumes, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Editor), 1994, p 201.

116 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. São Paulo: Martin Claret, 2004, p 11.

117 FOUCAULT, Michel. A Microfísica do Poder. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 127.

e oferecerá solução para todos os problemas. As ações de Simão estão inseridas neste mundo extremamente complexo, fortemente alvejado por discursos científicos e higiênicos. Nesse momento, espera-se ações racionais, planejadas dos indivíduos, das instituições e do Estado.

A ciência, ao contrário, vive de momentos, palavras, regras e instrumentos que imagina propícios à verdade - seus rituais de produção: o laboratório, os conceitos, as definições, as demonstrações. E vive também dos lugares de privilégio onde são buscadas as verdades: o hospital, o hospício, a academia, a escola, etc. (GOMES, 1993, p. 148).

Exemplar também é o arranjo “científico” de Bacamarte: a solução do problema é isolá-lo. Tal prática, na verdade, apenas subtrai os problemas do campo de visão social. A cura dos doentes mentais não é a preocupação primeira de Simão Bacamarte: o estudo científico vinha em primeiro lugar, ele queria garantir que seus conhecimentos (como médico) fossem mais aprofundados, mas para isso era preciso “cobaias” para que realizar seus objetivos: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhes os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal”¹¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É importante esclarecer que este trabalho, cujo centro de discussão se voltou para o processo higienizador do qual, inconscientemente, estava imbuído o espírito de Simão Bacamarte, possibilitou tocar em discussões graves como as mudanças com efeito de urbanização, secularização dos costumes, racionalização das condutas, funcionalidade nas relações pessoais e maior esfriamento das relações afetivas interpessoais, com um fundo exclusivamente político e higiênico.

O processo civilizatório foi, pois, a base do processo higienizador, cuja meta era desenvolver uma cultura de limpeza do indivíduo e do espaço, culminando na higienização social. A vida do homem se modernizava, e o âmbito dos centros urbanos ganhava cada vez mais importância.

118 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. São Paulo: Martin Claret, 2004, p 17.

Mas o que Machado desejava naquele tempo era retratar de um modo literário a sociedade que, de um modo ou de outro, continuava a oprimir utilizando a realidade complexa como artifício de seleção humana.

Mas ao mesmo tempo uma loucura social, de uma crítica a sanidade da ciência e dos cientistas, que buscam (ser) a absoluta verdade, mas não se deparam com suas irônicas realidades “loucas”. Será mesmo que o discurso científico é capaz de ser a verdade ou dar todas as respostas? É necessária a reflexão sobre cooperação de diferentes ramos do conhecimento, hoje frequentemente divididos por barreiras artificiais, para que gradualmente sejam respondidas as questões levantadas no curso desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. [*Traços biográficos*]. Machado de Assis. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 03 jan. 2010.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Alienista*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

DEWEY, John. *Reconstrução em filosofia*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1959.

ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Uma história dos costumes, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Editor), 1994.

FERNANDES, Célia Regina Delgado. *A Antipsiquiatria brasi-*

leira do século XIX. Revista Conhecimento Prático, Literatura. [São Paulo]: Escala Educacional. [2009?].

FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p 88.

GOMES, Roberto. *O Alienista: loucura, poder e ciência*. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 5 (1-2): p. 145-160, 1993. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Alienista.pdf>>. [on-line]. Acesso em: 11 agos. 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de vidro*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, Secretaria da cultura, ciência e tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

LIMA, Márcio José Silva. *História da loucura na obra “o Alienista” de Machado de Assis: discurso, identidades e exclusão no século XIX*. *Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Número 18 – setembro de 2011, p. 141 – 153, ISSN: 1517-6916. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/n18/12_MarcioJoseSLima_HISTORIA%20DA%20LOUCURA%20NA%20OBRA.pdf>. [on-line]. Acesso em: 11 agos. 2013.

SANTOS, Claudete Daflon dos. *A escrita rasurada: Machado de Assis e pensamento científico do século XIX*. Disponível em: <[www.filologia.org.br/machado de assis/](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/)>. [on-line]. Acesso em: 06 fev. 2010.